

ATENEU CONTRA PLATÃO (*DEIPNOSOPHISTAE*, XI.504C-509E):  
INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS

---

*Athenaeus against Plato (Deipnosophistae, XI.504c-509e):  
Introduction, Translation, and Notes*

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-35

Julia Guerreiro de Castro Zilio Novaes\*

---

RESUMO: A presente tradução apresenta a “terceira polêmica” antiplatônica do *Deipnosophistae*, ou *O Banquete dos Eruditos*, de Ateneu de Naucrátis (XI.504c-509e). A introdução e as notas visam sublinhar o modo como Ateneu é um exemplo eloquente, simultaneamente, da recepção da forma dialógica platônica como modelo literário e, por outro lado, da recepção negativa do platonismo por parte dos antigos. Na síntese dessa ambivalência, não surpreende que a crítica antiplatônica não-filosófica na Antiguidade atentasse particularmente aos aspectos dramáticos e estilísticos dos diálogos.

PALAVRAS-CHAVE: Ateneu. Platão. Antiplatonismo. Diálogo. Sofistas.

ABSTRACT: This translation presents the third anti-Platonic polemic in the *Deipnosophistae*, or *The Learned Banqueters*, by Athenaeus of Naucratis (XI.504c-509). The introduction and notes aim to underline how Athenaeus is an eloquent example, simultaneously, of the reception of the platonic dialogue form as a literary model and, on the other hand, of the negative reception of Platonism by ancient authors. As the synthesis of such ambivalence, it is not surprising that non-philosophic anti-platonic criticism in Antiquity paid particular attention to the dialogues’ dramatic and stylistic aspects.

KEYWORDS: Athenaeus. Plato. Anti-Platonism. Dialogue. Sophists.

---

---

\* Doutoranda e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. ORCID: 0000-0002-7985-7175. E-mail: juliaznovaes(AT)gmail.com

## 1 Introdução

*Ó Platão, nada sabes além de ficar carrancudo,  
como um caracol que levanta seriamente as sobranças.*  
(Ânfis, fr. 13 PCG)

O *Deipnosophistae*, ou *O Banquete dos Eruditos*,<sup>1</sup> de Ateneu de Naucrátis, é uma obra do século II d.C., escrita em prosa dramática e estruturada em quinze livros. Como explicita o epítome do livro I, cujo texto original se perdeu, Ateneu começava a obra imitando o modelo de Platão (I.1f-2a) – empregue notadamente em *Banquete*, *Fédon*, *Parmênides* e *Teeteto* –, não apenas se inserindo no gênero literário do *sympósion* filosófico (*logódeipnon*, I.1b), como construindo o texto a partir de duas camadas narrativas. Na primeira, a externa, o personagem Timócrates, ecoando as palavras iniciais do *Fédon* (57d) de Platão, chama Ateneu e lhe pede que narre sobre a famosa reunião (*synousía*, cf. *Banquete*, 172a) dos chamados “*Dipnosofistas*” (I.2a) (cf. Trapp, 2000, p. 353-355). Na segunda, interna, Ateneu relata, em geral, por discurso direto, as conversas eruditas de tal banquete, as quais foram voltadas, em sua maioria, para assuntos metasimpóticos – o vinho, a comida, o desejo, a música, o luxo, a linguagem etc. –, discutidos por uma vintena de convivas através de múltiplas citações de autores antigos.

A obra é um legado inestimável aos estudos clássicos, uma vez que nela são citados cerca de mil autores, desde historiadores até comediógrafos, e dez mil linhas de fragmentos de variados gêneros, cuja grande parte não é supérstite em nenhum outro texto antigo (Olson *in* Ateneu, 2006, p. ix). Contudo, dados o volume e o caráter enciclopédico de seu texto, Ateneu com frequência é visto como um mero compilador desorganizado. Dificilmente um estudioso dos antigos se volta para a totalidade do *Deipnosophistae* tendo em vista a abordagem autoral das questões ali discutidas, mas antes com o objetivo de espoliar citações de outros autores ou gêneros para suas próprias pesquisas (Romeri, 2002, p. 250).

---

<sup>1</sup> Segue-se aqui a convenção de tradução do título para o português. É importante notar, contudo, que a palavra “sofista” não tinha, na época de Ateneu, a conotação pejorativa dos dias de hoje – a qual devemos em grande parte ao próprio Platão. Sobre a relação entre a filosofia e a “profissão” sofística no contexto do Império Romano do século II d.C., o tempo narrativo do *Deipnosophistae*, cf. Bowersock (2002).

A tradução proposta a seguir não se distancia totalmente dessa abordagem “sanguessuga”, uma vez que o ensejo para realizá-la nasce não de um interesse no *Deipnosophistae* propriamente dito, e sim na medida em que ele é um paratexto interessante aos estudos platônicos, justamente por configurar um exemplo eloquente, ao mesmo tempo, da recepção da forma dialógica platônica como modelo literário e, por outro lado, da recepção crítica do platonismo por parte de antigos que não eram filósofos, inaugurada pelos próprios autores cômicos contemporâneos a Platão (cf. Farmer, 2017). Este é um antiplatonismo original que muitas vezes passa ao largo de platonistas e historiadores da filosofia contemporâneos.

Aqui, em específico, foi traduzida a terceira das três polêmicas antiplatônicas diretas no texto de Ateneu (V.186d-192b; V.215c-220a; XI.504e-509e), transmitida pela boca do conviva Ponciano, personagem de pouca projeção na obra que é, curiosamente, um filósofo. Enquanto a primeira polêmica se concentra no *Banquete*, e a segunda, nos anacronismos dos diálogos – e ambas são ditas pelo personagem Masúrio, um músico –, a terceira dirige variadas acusações contra Platão, tanto como pessoa, sublinhando seu mau-caráter como autor plagiador, falso amigo e mestre complacente, e, de modo geral, sua hostilidade contra todos, quanto como filósofo, denunciando o caráter pouco prático e irreal da sua filosofia.

O que a presente tradução visa evidenciar é que, na síntese dessa atitude ambivalente para com Platão, não surpreende que Ateneu se atente, em sua crítica, aos aspectos dramáticos e estilísticos dos diálogos – não só às inverossimilhanças e anacronismos da sua prosa mimética, mas em especial à veia jâmbica, cômica e satírica do filósofo: com efeito, a mordacidade invectiva de Platão ocupa pelo menos um terço da polêmica traduzida. Semelhantes ponderações podem ser entrevistas em outros autores contemporâneos a Ateneu, notadamente Élio Aristides, orador da Segunda Sofística (*Orationes* 2-4, cf. Trapp, 2020), e Luciano de Samósata, escritor de diálogos satíricos (cf. Brandão, 1997). Contudo, foi apenas nas últimas décadas que os estudos platônicos modernos se voltaram com interesse filosófico para o complexo diálogo de apropriação e paródia que Platão mantém, sobretudo, com os poetas cômicos de sua época e da de Sócrates, em especial Aristófanes.

Para além disso, vale notar que Platão é em todos os aspectos um interlocutor chave de Ateneu, na medida em que não só ocupa um lugar privilegiado na abertura e no fecho da obra (XV.702b-c), como é citado ao longo de todo o texto – seja como alguém que deu opinião em

algum dado assunto, ou que usa dada palavra em dado contexto, seja como objeto de riso em algum fragmento cômico citado, seja como alvo direto de polêmica por algum dos personagens (Romeri, 2007, p. 345-347). Assim, deseja-se passar ao largo da discussão acerca da autenticidade da crítica platônica de Ateneu, que, segundo a tese influente de Ingemar Düring (2018 [1941]), rejeitada por Romeri (2002; 2003; 2007), não teria tido acesso aos textos que cita e faz apenas citações das obras de Heródico da Babilônia ou o “Cratéciano”, um gramático da escola de Pérgamon (século II a.C.). A título de utilidade, deixa-se aqui a correspondência entre a passagem de Ateneu e os fragmentos do *Contra o Amante de Sócrates (Pròs tòn Philosōkráten)*: Ateneu, XI.504e-505c {11.112} = Heródico, 3, p. 24-25 Düring; XI.504e-507e {11.112-116} = 4, p. 30-36 Düring; XI.507e-509e {11.117-120} = 5, p. 36-39 Düring.

Cabe agora um breve resumo do movimento argumentativo da passagem traduzida. O trecho começa após uma longa listagem dos tipos de recipientes usados pelos antigos para beber, com a interjeição de Ponciano, um filósofo, em 504c. O gancho para a mudança do foco na direção de uma longa crítica de Platão está na citação imediatamente anterior de um mimo de Sófron, autor que, segundo a tradição antiga tardia de biografias do filósofo, era muito caro ao método platônico de composição dos diálogos.<sup>2</sup> Ponciano contrasta a imoderação exaltada no fragmento sofroniano (test. 5 PCG) com uma longa passagem do *Banquete* de Xenofonte – nisso demonstrando seu apreço pela obra e seu autor –, a qual usa para pôr em confronto as representações de Sócrates por Platão e Xenofonte. Essa contraposição se estende até 505b, durante a qual se sugere uma espécie de rixa entre os dois socráticos, demonstrável pelo modo como Platão “fazia questão” de contradizer o outro.

Neste ponto, Ponciano se volta contra a forma e o conteúdo dos diálogos platônicos, sempre que pode recorrendo, sobretudo, ao relato de segunda mão de historiadores. Quanto à forma, ele acusa Platão de hipocrisia, pois ainda que “expulse” a poesia mimética da *República*, faz uso da *mímesis* na composição de suas obras; e de falta de originalidade, por não ter sido ele a inventar a forma do diálogo socrático (505b-c), citando o testemunho de uma obra

---

<sup>2</sup> Diógenes Laércio, contemporâneo de Ateneu, afirma que foi Platão a introduzir os mimos em Atenas e ser influenciado pelo seu estilo (III.18). O neoplatônico Olimpodoro (séc. VI d.C.) relata uma afinidade especial com Sófron e com a comédia aristofânica, de quem Platão “se beneficiou na *mímesis* dos personagens dos diálogos” (*In Platonis Alcibiadem comentarii*, 2.66-75). Cf. também Aristóteles, *Poética*, 1447b9-13.

perdida de Aristóteles (*Sobre os poetas*, fr. 1 Janko) e de dois historiadores. Quanto ao conteúdo, Ponciano se concentra, sobretudo, no que ele identifica como o caráter invectivo, jâmbico e cômico dos diálogos, que ridicularizam e censuram uma série de homens sábios, sofistas, poetas e políticos (505c-506e). Notável é a relatada comparação que Górgias teria feito entre Platão e Arquíloco. Ponciano também aponta a inverossimilhança de certos relatos, por incongruência de datas.

Disso ele deriva suas provas do mau-caratismo (*kakoetheia*) de Platão, voltado não só contra seus inimigos intelectuais como outros discípulos de Sócrates. Nesse ponto, ele se apoia no testemunho de duas anedotas que pintam Platão como invejoso e mentiroso, uma delas encontrada nos historiadores, e outra, bastante graciosa e talvez inventada por Ateneu, sobre um sonho de Sócrates (507a-c). Ponciano acrescenta que, além de maldoso, Platão também era *philodóxos*, ou seja, um homem vaidoso de sua reputação (507d-e).

Em seguida, Ponciano se dedica a provar a inutilidade dos ensinamentos do diálogo, primeiro da imortalidade da alma no *Fédon*, e depois das propostas políticas em *República* e *Leis*, por não trazerem nenhuma vantagem prática (507e-508b). Platão também é acusado de ter roubado de Homero e outros filósofos tanto esse material quanto o de diálogos em que discute saberes naturais ou técnicos (508c-d). Quanto aos assuntos humanos, afirma Ponciano, Platão diz coisas “inapropriadas”, em referência ao Eros do *Banquete* (508d).

Tendo falado das obras escritas, Ponciano se volta contra os discípulos de Platão. Nessa seção, ele sugere que o filósofo foi responsável por cultivar a disposição tirânica de alguns deles e apresenta exemplos (508d-509b). A conclusão de Ponciano é similar à acusação que Adimanto, personagem da *República* de Platão, relata cair sobre os filósofos: as doutrinas políticas de Platão são no mínimo inúteis, e quando não, teriam consequências perversas (cf. *República*, VI.487c-d).

Por fim, como acusação máxima e numa espécie de peroração, Ponciano cita um fragmento do *Náufrago* de Efipo, um poeta ateniense da Comédia Média, que ridiculariza o apreço dos Acadêmicos pela sua própria aparência (509c-d). Com isso, Ateneu retorna à camada narrativa externa da obra, afirmando que está finalizada a sua compilação (*synagogé*), e termina o livro XI antecipando a temática do seguinte: homens famosos por suas vidas dedicadas ao luxo (*tryphé*) (509e).

\*

A tradução abaixo segue o texto estabelecido por Douglas Olson (Ateneu, 2009) a partir da edição Kaibel. As numerações entre colchetes seguem a paginação de Casaubon dada por Olson, e entre chaves, a Kaibel. Para facilitar a leitura, as quebras de parágrafo são de opção da presente tradução. Quanto aos diversos personagens mencionados, dado o interesse que a tradução propõe ter para os estudiosos de Platão, preferiu-se fazer referência à obra *The People of Plato: a prosopography of Plato and other Socratics*, de Debra Nails (2002).

## 2 Tradução

{11.111} ... E o compositor de mimos o qual, segundo diz Dúris,<sup>3</sup> o sábio Platão tinha sempre à mão, diz em algum lugar “entornar o krater” ao invés de “embriagar-se”.<sup>4</sup>

[504c] Mas não, pelos deuses! – disse Ponciano – Não se deve beber em grandes taças, pelo menos se tivermos em vista o mais delicioso e gracioso Xenofonte, que no *Banquete* diz:

*“E por sua vez disse Sócrates: homens, também acho fortemente que devemos beber. Pois em verdade, irrigando as almas, o vinho põe as dores para dormir, como a mandrágora, as pessoas; e acende <a alegria como o azeite,><sup>5</sup> a chama. Com efeito, me parece que os corpos dos seres humanos e os das coisas que crescem na terra padecem das mesmas coisas: [504d] pois estes, quando o deus dá de beber em excesso, não conseguem ficar eretos nem evaporar<sup>6</sup> na hora certa. Por outro lado, quando bebem tanto quanto lhes apraz, crescem muito eretos e,*

---

<sup>3</sup> = Dúris, FGrH 76 F 72 = Sófron, test. 5 PCG.

<sup>4</sup> O *krater*, localizado no centro do espaço dos *sympósia*, era o grande recipiente em que se misturava o vinho e a água, de onde os serviçais retiravam as porções servidas aos convivas em taças menores.

<sup>5</sup> Emenda de Kaibel, a partir do texto original de Xenofonte, mas suprimido por Ateneu.

<sup>6</sup> A tradução do trecho apresenta um desafio, já que a paráfrase de Xenofonte não é precisa – aqui se troca οὐδέ ταῖς αὔραις διαπνεῖσθαι, “nem se deixam penetrar pela brisa” (tradução de Ana Elias Pinheiro, Xenofonte, 2008) por οὐδὲ ταῖς ὥραις διαπνεῖσθαι. Para manter o jogo entre o *diapnein* das plantas e o *anapnein* (respirar) dos seres humanos, optou-se, contra Olson e Canfora, não glosar o verbo como “florescimento” (“*open their blossoms*”) nem “desdobramento” (“*dispiegarsi*”) do corpo da planta, mas, com Teofrasto (*De causis plantarum*, 1.1.3) referir-se à evaporação ou exalação da umidade. O custo da escolha é a necessidade desta nota. Agradeço ainda ao parecerista anônimo que chamou atenção para estas e outras questões ao longo do texto.

*florescendo, chegam a dar frutos. O mesmo acontece conosco: quando entornamos bebida demais, rapidamente nossos corpos e juízos vacilam, e não conseguimos respirar, muito menos falar. Se os rapazes nos servirem um diminuto chuvisco em diminutos cálices – para falar ao modo de Górgias –, [504e] então não seremos forçados pelo vinho a ficar bêbados, mas persuadidos a alcançar mais elevada ludicidade”.<sup>7</sup>*

{11.112} Quem observar estas palavras do nobre Xenofonte poderá reconhecer a inveja que tinha dele o brilhante Platão, ou talvez que os dois homens, desde o início, desejavam um vencer o outro, percebendo cada um as suas virtudes particulares. Igualmente, eles competiam pelo primeiro lugar, o que nos é sinalizado não só pelo que têm a dizer a respeito de Ciro [sc. II, o Grande],<sup>8</sup> mas também pelos seus textos acerca dos mesmos temas. Pois ambos escreveram um *Banquete*, [504f] e um expulsa as flautistas, outro as conduz para dentro;<sup>9</sup> e também, como já exposto, um recusa beber de grandes recipientes, e o outro representa Sócrates bebendo de um *psykter* até o amanhecer!<sup>10</sup> E no *Sobre a Alma*,<sup>11</sup> Platão lista cada um dos que se encontravam lá, mas não faz a menor menção a Xenofonte.

Sobre Ciro, um diz que desde a mais tenra infância foi ensinado todos os costumes tradicionais,<sup>12</sup> enquanto Platão, como que [505a] o contradizendo, diz no terceiro livro de *Leis*: “sobre Ciro, profetizo que, ainda que tenha sido um bom general e amigo do esforço, nunca se apegou de modo algum a uma educação correta, nem se aplicou à administração do seu

---

<sup>7</sup> Difere pouco do texto manuscrito de Xenofonte, *Banquete*, II.24-6. O trecho, diga-se de passagem, não é isento de duplo sentido, o qual a tradução tentou sublinhar.

<sup>8</sup> Fundador do império persa.

<sup>9</sup> Platão, *Banquete*, 176e; Xenofonte, *Banquete*, II.1.

<sup>10</sup> Platão, *Banquete*, 214a. O *psykter* era o recipiente no qual o vinho era resfriado. Quando Alcibiades chega, já bêbado, no último terço do diálogo, ele assume o lugar de simposiarca e impõe que todos fiquem bêbados também. O texto platônico sublinha que Sócrates não “entorna” (ἐκπίειν, 214a1), como Alcibiades, o *psykter*, mas apenas bebe (πίνειν, a6), de modo que aguenta ficar acordado até o amanhecer e conduzir seu dia normalmente, provando o relato de Alcibiades de que o filósofo é capaz de beber mais que todos sem se embriagar (214a, 220a). Outro exemplo do diálogo ocorre no início, quando Aristófanes afirma estar de ressaca porque “mergulhou” (βεβαπτισμένων, 176b4) em vinho na noite anterior. Seriam estas as circunstâncias do *Banquete* platônico que a citação de Sófron faz Ponciano lembrar.

<sup>11</sup> *Fédon*, 59b. Pode-se especular que Xenofonte é um dos “outros atenienses” que Fédon não nomeia. Note-se também que o personagem afirma que Platão não estava presente, porque estava doente.

<sup>12</sup> Xenofonte, *Ciropédia*, 1.2.2: “ele foi educado nos costumes (*nómois*) dos Persas”, discutidos até 1.3.1.

*patrimônio [oikonomía]. Parece que desde jovem vivia em campo de batalha, e entregou a educação dos filhos às mulheres...”.<sup>13</sup>*

E de novo, Xenofonte marchou com Ciro [sc. o Jovem] contra os persas, junto a dez mil Helenos, e sabia precisamente da traição de Mênon, o Tessálio – que ele era o culpado por ter se sucedido [505b] a morte dos companheiros de Clearco pela autoria de Tissafernes, e tendo também narrado o tipo de homem que este era, quão duro, quão brutal.<sup>14</sup>

O nobre Platão, basicamente dizendo que “esta história não é verídica”,<sup>15</sup> tece a ele [sc. Mênon] elogios,<sup>16</sup> ainda que em geral maldiga os outros – jogando fora Homero e a poesia mimética na *República*,<sup>17</sup> tendo escrito ele mesmo diálogos miméticos! Nem foi ele o descobridor dessa forma. Antes dele, Alexâmeno de Teos descobriu este tipo de discursos, segundo investigam Nícias de Nicéia<sup>18</sup> e Sótion.<sup>19</sup> [505c] Aristóteles escreve em *Sobre os Poetas*:<sup>20</sup> “Logo, não diríamos que são prosas e imitações os chamados mimos de Sófron, sem metro, ou os primeiros diálogos socráticos escritos, de Alexâmeno de Teos?” – aqui diz explicitamente Aristóteles, o maior dos polímatas, que Alexâmeno escreveu diálogos antes de Platão.

---

<sup>13</sup> *Leis*, III.694c-d. A citação de Platão não é exata em relação ao texto Burnet, ainda que quase. A maior diferença é que o texto platônico diz “amigo da cidade” (*philopolin*), e não “amigo do esforço” (*philoponon*). Ateneu também corta a intervenção de Clínias, que sublinha o tom crítico da passagem. Na tradução de Carlos Alberto Nunes: “O Ateniense: – Então, a respeito de Ciro, que, aliás, foi um excelente general e grande amigo da cidade, profetizo que de jeito nenhum provou da verdadeira educação, e que descurou por completo dos assuntos domésticos. // Clínias: – Como nos atrevemos a afirmar semelhante coisa? [Πῶς δὲ τὸ τοιοῦτον φῶμεν;] // O Ateniense: – Ao que parece, desde menino ele passou a vida a guerrear, entregando os filhos aos cuidados de mulheres.” (Platão, 1980).

<sup>14</sup> Cf. Xenofonte, *Anábase*, II.5.28, 6.21 ss. Xenofonte fez parte do exército mercenário grego de Ciro, o Jovem, na sua tentativa de tomar o império das mãos de seu irmão Artaxerxes II em 401-400 a.C. Segundo Nails (2002, p. 204), os eventos do diálogo *Mênon* ocorrem antes da campanha de Ciro, quando o Tessálio visitou Atenas em 402 a.C.

<sup>15</sup> Estesícoro, *Palinódia*, fr. 192.1 PMG. De fato, esse verso da Palinódia é citado por Platão no *Fedro*, 243a, que é a fonte do fragmento, sem qualquer relação direta ou contextual com Ciro.

<sup>16</sup> Referência ao diálogo *Mênon*, em que o homônimo é o principal interlocutor de Sócrates. Que o diálogo seja elogioso é questionável, mesmo que a conversa entre os dois personagens ocorra majoritariamente em boa fé. O tom é, sem dúvidas, distinto dos embates mais irônicos ou frontalmente combativos com os sofistas, aos quais Ponciano logo após faz referência.

<sup>17</sup> *República*, X.595a-608b.

<sup>18</sup> = Nícias de Nicéia, FHG iv.464.

<sup>19</sup> = Sótion, fr. 14 Werhli.

<sup>20</sup> = fr. 1 Janko. Nenhum escrito nos resta deste Alexâmeno. Esta passagem de um texto perdido de Aristóteles também é citada por Diógenes Laércio (III.48), e em Pap. Ox. 3129 = Sófron, test. 4 PCG.



Platão também ataca o sofista Trasímaco de Calcedônia, dizendo ser o sofista semelhante ao seu nome,<sup>21</sup> e ainda [505d] Hípias, Górgias, Parmênides, e, em apenas um diálogo, o *Protágoras*,<sup>22</sup> muitos outros; e diz coisas assim na *República*: “quando, penso, uma pólis democrática sedenta de liberdade encontra maus escanções, e se embriaga de vinho sem mistura (...)”.<sup>23</sup>

{11.113} Conta-se que Górgias, tendo lido o diálogo seu homônimo, disse aos companheiros: “como esse Platão sabe bem escrever iambos!”.<sup>24</sup> Hermipo em seu *Sobre Górgias* [sc. diz]: “Quando Górgias visitou Atenas, após ter feito a dedicação pública da sua estátua de ouro em [505e] Delfos, Platão ao vê-lo disse: ‘Eis o belo e dourado Górgias!’, e respondeu Górgias, ‘Um belo novo Arquíloco produziu Atenas!’”.<sup>25</sup> Outros relatam que, ao ler o

<sup>21</sup> Θρασύμαχος, “Audaz-no-combate”. Sócrates narra que sofista irrompeu na sua conversa sobre a justiça com Polemarco, “formando salto, lançou-se sobre nós como uma fera, para nos dilacerar” (*República*, I.336b. Tradução de Pereira, Platão, 2017b). Aristóteles, enumerando os *tópoi* de entimemas demonstrativos na *Retórica*, atribui o jogo com o mesmo nome a Heródico (II.1400b19-20). Note-se, contudo, que uso de nomes descritivos dos personagens é um lugar-comum da comédia aristofânica (cf. Kavanou, 2011) que é empregado por Platão não só na *República*, como também no *Banquete*, nos casos de Erixímaco (Lutador-de-arroto) e do próprio Aristófanes (O-que-melhor-fala ou O-que-melhor-aparece) (cf. Novaes, 2022, p. 202), e no *Crátilo*, no de Hermógenes (Do-genos-de-Hermes) (cf. Buarque, 2011, p. 48-62). Sobre o diálogo intergenérico de Platão com comédia no livro I da *República*, cf. Augusto (2014).

<sup>22</sup> Hípias, Górgias e Parmênides são interlocutores privilegiados de Sócrates nos diálogos homônimos. O *Protágoras* apresenta um “coro” de sofistas (cf. n. 49 *infra*) reunidos com seus discípulos (315a-e). Neste diálogo, além de Protágoras, também fazem intervenções significativas Hípias e Pródico. Vale a pena notar que todos os personagens que discursam no *Banquete* (Fedro, Pausânias, Erixímaco, Agatão, Sócrates e Alcibiades), à exceção do comediógrafo Aristófanes, estão presentes no *Protágoras*.

<sup>23</sup> *República*, VIII.562c-d. Neste diálogo – e também no *Górgias*, *Protágoras* e *Sofista* –, sofistas e demagogos são figurados como provedores de “nutrição” nociva para a alma (cf. também 493a-c), por produzirem discursos baseados em *dóxa* e voltados para o prazer do ouvinte. Por isso, “fortalecem” os desejos apetitivos dos cidadãos e incentivam sua insaciabilidade, causando a “degeneração” da alma e da cidade na direção do regime democrático, entendido como o domínio dos prazeres sobre o elemento racional. O problema de Ponciano com a passagem, contudo, não seria a condenação dos prazeres, e sim a culpabilização de homens sábios pela “embriaguez” imoderada do povo. O mesmo trecho é citado por Ateneu também em 10.433f-4a como exemplo da força do desejo de vinho.

<sup>24</sup> A anedota é anacrônica, e semelhante à que conta Diógenes Laércio sobre a reação de Sócrates ao *Lísis* (III.35): “Por Hércules, tantas falsidades [καταψεύδεθ’] – disse – escreve este jovem acerca de mim” (tr. Pereira, Diógenes Laércio, 2020). O verbo *ἰαμβίζω* tem a acepção tanto de “compor jambos” quanto, por metonímia, “insultar”. A tradução optou pelo primeiro sentido, que contém o segundo e enfatiza a conexão estilística entre o diálogo platônico e tradição literária invectiva (cf. Bernardini; Veneri, 1981).

<sup>25</sup> = Hermipo, FHG III 48. Arquíloco de Paros, a quem Górgias associa Platão, foi o principal jambógrafo arcaico, conhecido por sua invectiva mordaz. Já o epíteto “dourado” que Platão atribui a Górgias é uma referência à estátua em tamanho real do sofista em Delfos (cf. Pausânias, 10.18.7 = 82 A 7 DK = P15 Laks-

diálogo de Platão, Górgias disse aos presentes que nunca tinha dito ou ouvido aquelas coisas. Dizem que Fédon falou a mesma coisa tendo lido o *Sobre a Alma*. Pois então fala bem Tímon<sup>26</sup> acerca dele: “Como ficcionou Platão o sabedor de feticíias maravilhas!”.

[505f] Dificilmente a data [sc. representada por Platão] reuniria o Sócrates de Platão em conversa com Parmênides,<sup>27</sup> muito menos ele falaria ou ouviria tais discursos. O mais abominável de tudo o que é dito, sem nenhuma necessidade premente, é que Zenão, seu concidadão, fora namorado de Parmênides.<sup>28</sup>

É impossível também que Fedro não só tenha coexistido junto de Sócrates, mas que de algum modo tivesse sido seu namorado.<sup>29</sup> Bem como não é possível que Páralo e Xantipo, os filhos de Péricles,<sup>30</sup> tivessem dialogado com [506a] Protágoras, quando ele fez sua segunda visita aos Atenenses. Muitas outras coisas se podem dizer sobre ele, para demonstrar o quanto ele ficcionalizou nos diálogos.<sup>31</sup>

{11.114} Que ele era hostil com todos, é evidente pelo que está escrito no *Íon*, em que ele maldiz em primeiro lugar todos os poetas, em seguida os oficiais do povo: Fanóstenes de Andros, Apolodoro de Cízico, e mesmo Heraclides de Clazômena.<sup>32</sup> No *Mênnon*, [sc. ele maldiz]

---

Most). Platão faz referência à estátua no *Fedro* (235d), dando a entender a superioridade retórica de Sócrates sobre Górgias (cf. Morgan, 1994).

<sup>26</sup> = Tímon, SH 793.

<sup>27</sup> = Parmênides, 28 A5 DK = P4 Laks-Most.

<sup>28</sup> *Parmênides*, 127b. Como nota Olson (ad loc.), isso é apresentado como um rumor, durante o estabelecimento inicial da atmosfera dramática do diálogo: “Zenão (...) estava então perto dos seus quarenta anos, <era> de belo porte e de aspecto agradável, e dizia-se que tinha sido o favorito (paidiká) de Parmênides”. (Tradução de Iglésias e Rodrigues, Platão, 2013).

<sup>29</sup> Sobretudo na primeira parte do *Fedro* de Platão, Sócrates e Fedro dão a impressão de que estão fazendo os papéis de amante e amado, cf. esp. 243e.

<sup>30</sup> Mortos na peste em 430/429 a.C., cerca de dez anos antes da segunda visita de Protágoras a Atenas. Ponciano se refere à cena inicial do *Protágoras*, 315a.

<sup>31</sup> Outras coisas, dentre “mentiras” e “anacronismos” dos diálogos, são proferidas pelo personagem Masúrio em Ateneu, esp. V.215c-18e, na segunda polêmica contra Platão no *Deipnosophistae*.

<sup>32</sup> As edições críticas indicam *Íon*, 533c-4e como *locus* da maledicência. Com efeito, é neste trecho que Sócrates afirma pela primeira vez que os poetas – e, por extensão, os rapsodos como Íon de Éfeso – não possuem qualquer *tekhne*, ou seja, conhecimento técnico-artístico, mas que compõem por entusiasmo divino, inspiração. Por outro lado, é razoável considerar o diálogo inteiro como um escarnecimento de Íon. Quanto aos oficiais, listados em *Íon*, 541c-d, os três são metecos (estrangeiros moradores de Atenas) que por ações diversas em prol de Atenas, foram naturalizados cidadãos (cf. Nails, 2002, p. 40, 159-160, 235-6). Sócrates os enumera em resposta a Íon, que retrucara antes ao filósofo, não sem esperteza, que os seus concidadãos não poderiam ser generais da própria cidade porque Éfeso se encontrava sob domínio do império ateniense (541c).

[506b] os maiores dentre os atenienses que viveram, Aristides e Temístocles, enquanto elogia Mênon, o traidor dos gregos.<sup>33</sup> No *Eutidemo*, ele arrasta na lama Eutidemo e seu irmão Dionisodoro, chamando-os de lerdos e até de erísticos, e os censura pela fuga de sua pátria, Quios, e por terem se realocado para Túrio.<sup>34</sup> No *Sobre a Coragem*, [sc. maldiz] Melésias, filho de Tucídides, o oponente de Péricles, e Lisímaco filho de Aristides, o justo, dizendo que eram desmerecedores [506c] da virtude de seus pais.<sup>35</sup> E sobre o que ele disse a respeito de Alcibíades no *Banquete*, nada daquilo merece ser proferido em público, nem nada daquele primeiro dos diálogos sobre ele.<sup>36</sup> Quanto ao segundo, é dito por alguns que seria da autoria de Xenofonte,<sup>37</sup> tal como o *Alción* seria de Leão o Acadêmico, como diz Nícias de Niceia.<sup>38</sup> Silêncio sobre as acusações levantadas contra Alcibíades.<sup>39</sup>

---

<sup>33</sup> *Mênon*, 93c-94a. A crítica de Sócrates é relativa à capacidade destes famosos generais de transmitir virtude, i.e., educar seus próprios filhos. Aristides é pai de Lisímaco, que, como nota Ponciano algumas linhas depois, também é censurado no *Laques*. A continuação da passagem do *Mênon* inclui Melésias e Péricles na mesma crítica, exemplos também abordados por Ponciano na sequência do texto.

<sup>34</sup> Exílio e migração são mencionados em *Eutidemo*, 271c. Como o *Íon*, o diálogo inteiro pode ser dito um ataque à erística através da ridicularização dos dois sofistas, e desta vez de caráter marcadamente cômico. Este aspecto é centrado em Sócrates, que age como uma espécie de *bōmolochos*, bufão, de modo análogo, por exemplo, ao papel de Estrepsíades nas *Nuvens* de Aristófanes. Cf. Michelini (2000); Ribeiro, 2017, capítulo 3. Sobre o cômico como subjacente à prática refutatória socrática, cf. Gall (no prelo).

<sup>35</sup> *Laques*, 179c. Melésias e Lisímaco recorrem aos generais Nícias e Laques em busca da sua opinião acerca do mérito do ensino da *hoplomaquia* aos seus filhos, que receberam os nomes de seus respectivos avôs. O insulto é mais grave se considerarmos que é o próprio personagem Lisímaco que admite a sua inépcia e a de Melésias, por não terem grandes feitos como Tucídides e Aristides. Seria possível dizer, ainda, que também Laques e Nícias sofrem nas mãos de Platão, na medida em que, ao recomendarem veementemente que se escute a opinião de Sócrates (180b-181b), são ambos refutados e expostos como generais ignorantes da definição de coragem.

<sup>36</sup> No *Banquete*, Alcibíades é alvo de risos dos presentes após expor sua tentativa fracassada de seduzir Sócrates anos antes (217e-219d), assim como deixa evidente ainda estar apaixonado por ele (222c). O segundo diálogo referido é o chamado *Primeiro Alcibíades*, considerado espúrio pela maioria dos comentadores desde o século XIX. O diálogo representa a primeira abordagem socrática do jovem Alcibíades, que é convencido pelo filósofo que este é o único homem que o ama de verdade.

<sup>37</sup> O *Segundo Alcibíades* é quase unanimemente considerado espúrio pelos especialistas.

<sup>38</sup> = Nícias de Niceia, FHG iv.464. O mesmo afirma Diógenes Laércio, III.62. Também teria sido atribuído a Luciano na Antiguidade.

<sup>39</sup> Possivelmente porque concorda com elas, e seriam igualmente “indizíveis” para Ponciano. Uma fórmula semelhante aparece em Ateneu, V.186a. Sobre a figura polêmica e paranômica de Alcibíades, cf. Nails (2002, p. 10-20).

Ele disse ainda que o povo ateniense é um juiz precipitado e mesmo impulsivo, ao passo que, elogiando os lacedemônios, elogia também os inimigos de todos os gregos, os persas.<sup>40</sup> O irmão de Alcibíades, [506d] Clíneas, ele apresenta como um louco, e seus filhos, como tolos,<sup>41</sup> e Mídias, como um apostador,<sup>42</sup> e diz ainda que, se por um lado o povo ateniense tem um belo rosto, por outro se deve contemplá-lo sem roupas. Será visto, ele diz, que apesar de observado de todos os lados como revestido de honras, estas não são belas de verdade.<sup>43</sup>

{11.115} No *Címon*,<sup>44</sup> ele não poupa de acusações nem Temístocles, nem Alcibíades, nem Mirônides, nem o próprio Címon; e também Críton, no próprio *Críton*.<sup>45</sup> A *República* contém um ataque de Sófocles,<sup>46</sup> e o *Górgias*, não só de quem se tirou o título [506e], mas também de Arquelaus, rei da Macedônia – o qual não só viria de uma família reprovável, como também matado seu senhor.<sup>47</sup> Tal é o Platão que Espeusipo disse ser um grande amigo de Felipe e responsável por ele ter se tornado rei!

---

<sup>40</sup> *Primeiro Alcibíades*, 121a-124b. No esforço de convencer Alcibíades a se dedicar à filosofia, Sócrates parte do desejo do jovem por dominar seus inimigos – quais sejam, os lacedemônios e os persas –, e num longo discurso põe em evidência a nobreza, a riqueza e a qualidade da educação de tais inimigos, visando mostrar a necessidade de se empenhar no cuidado de si.

<sup>41</sup> *Primeiro Alcibíades*, 118e. Na verdade, Platão menciona os filhos de Péricles, que é o homem em causa na passagem. Este general foi tutor de Alcibíades, e Sócrates questiona sua capacidade para tal: “Bem; uma vez que Clíneas é louco e os filhos de Péricles, deficientes, por que motivo se descuida ele de tua educação, sendo tu tão bem-dotado como és?” (Tradução de Nunes, Platão, 2015).

<sup>42</sup> *Primeiro Alcibíades*, 120a. Literalmente, um *ortygokópon*, um apostador em jogo semelhante à briga de galo, mas realizado com codornas. Mídias é mencionado pela mesma característica em Aristófanes, *Aves*, 1297-8. No texto platônico, a ideia parece ser que Mídias encara seu envolvimento nos negócios da pólis do mesmo modo que uma rinha de codornas, de modo que é um exemplo irônico oferecido por Sócrates a Alcibíades como modelo de político. Não fica claro por que Ponciano sentiria necessidade de mencionar este personagem obscuro.

<sup>43</sup> Isso não está presente no texto platônico.

<sup>44</sup> Um diálogo com esse nome nunca constou em nenhuma das listas antigas de obras platônicas. Como se afirma na edição de Canfora (ad loc.), é possível que a referência seja ao *Górgias*, no qual Sócrates critica Címon, Temístocles, Miltíades (e não um Mirônides) e também Péricles (cf. *Górgias*, 515c-519b, esp. 518e-519a) como políticos nocivos à saúde dos cidadãos.

<sup>45</sup> Identifica-se isso como referência a *Críton*, 45a-b. A passagem platônica não é invectiva, e a leitura como tal deriva da disposição antiplatônica do texto.

<sup>46</sup> O mesmo da nota acima vale para essa passagem da *República* (329c), em que o personagem Céfalo se compara a Sófocles, que lhe teria afirmado adorar que a velhice o libertou do jugo do desejo sexual.

<sup>47</sup> *Górgias*, 471a. Nesse trecho do diálogo, Arquelaus assume o papel paradigmático de tirano na refutação socrática da identificação que o personagem Polo, sofista e discípulo de Górgias, assume entre o homem mais injusto (e, portanto, poderoso) e o homem mais feliz.

Pelo menos, Carístio de Pérgamon escreve assim nos seus *Comentários Históricos*: “Quando Espeusipo informou-se que Felipe [sc. II da Macedônia] insultava Platão, ele escreveu algo assim em uma carta: ‘...como se os homens ignorassem que o princípio do reinado de Felipe teve Platão como sua causa. Pois Platão enviou Eufreu [507a] de Oreu até Perdicas [sc. III da Macedônia], que o convenceu de partilhar um pedaço de terra com Felipe. Cultivou ali sua força militar e, com a morte de Perdicas, por ter um exército pronto para partir, assumiu o poder público’”.<sup>48</sup> Mas se isso realmente tem alguma verdade, só um deus poderia saber.

O seu belo *Protágoras*, além de possuir ataques contra todos os poetas e homens sábios, teatraliza a vida de Cálías ainda mais que *Os Aduladores* de Êupolis.<sup>49</sup> E no *Menexeno*, não apenas Hípias de Élis é escarneado, mas também o são Antifonte de Ramnunte e o músico Lampros.<sup>50</sup> Faltariam horas no dia, caso eu quisesse arrolar todos que foram mal falados por esse sábio.

---

<sup>48</sup> = Carístio de Pérgamon, fr. 1, FHG iv.356-357 = Espeusipo, T48 Tarán. Cf. 508e infra. Espeusipo foi sobrinho de Platão e seu sucessor como diretor da Academia. Eufreu era discípulo de Platão que, segundo “Platão” na *Carta V* (espúria), foi enviado à corte de Perdicas por causa de sua competência em filosofia política. Felipe II da Macedônia, irmão mais novo de Perdicas, e pai de Alexandre, o Grande, reinou de 360/59-336 a.C. Tarán (1981, p. 227) suspende juízo se este trecho do historiador Carístio tem base na chamada *Epístola Socrática XXX* atribuída a Espeusipo, mas considerada espúria pelo editor dos fragmentos. Sobre a carta e seu apelo pelo patrocínio macedônio da Academia, cf. Natoli (2004).

<sup>49</sup> Segundo os fragmentos supérstites, a peça *Os Aduladores* de Êupolis (frr. 156-191 PCG) contava com um coro de sofistas reunidos na casa de Cálías, homem que dispendeu grande quantia em troca de seus ensinamentos. O *Protágoras* de Platão assume a mesma locação e premissa dramática (inclusive a noção de “coro”, cf. 315b), e o *Banquete* de Xenofonte, também a mesma locação. Cf. Capra (2001) sobre a estruturação desse diálogo platônico segundo o gênero cômico.

<sup>50</sup> *Menexeno*, 236a. O sofista Hípias de Elis não é mencionado neste texto, mas tem dois diálogos dedicados à sua refutação por Sócrates, o *Hípias Maior* e o *Hípias Menor*, e é personagem com falas no *Protágoras*. Já Antifonte foi um sofista e político, mais conhecido pelas suas *Tetralogias*, quatro pares de discursos forenses antilógicos, e um dos líderes políticos do golpe de 411 a.C. que estabeleceu o governo dos Quatrocentos (Nails, 2002, p. 32-34); e Lampros era um músico famoso. Ambos são rebaixados por Sócrates frente aos que ele identifica como seus próprios professores de retórica e música, respectivamente, Aspásia e Cono, o citarista. A menção é evidentemente irônica, já que Sócrates visa criticar o gênero discursivo do epitáfio. O ponto é que não é difícil agradar os atenienses se o discurso os elogia, ainda que o quilate do professor de retórica e, conseqüentemente, do orador que foi seu discípulo, não sejam dos melhores. Sobre Aspásia, companheira de Péricles e perita em retórica, não cabe aqui expandir – cf. como ponto de partida (Nails, 2002, p. 58 ss).

[507a] Quanto a Antístenes, nada a elogiar. Pois também ele falou mal de muita gente, e não poupou nem Platão, mas chamou-o vulgarmente de Escroto<sup>51</sup> e publicou um diálogo sobre ele com esse nome.

{11.116} Hegesandro de Delfos, comentando em suas *Anotações* acerca do maucaratismo de Platão contra todos, escreveu que: “Após a morte de Sócrates, a maioria de seus companheiros, reunidos em certa ocasião, estavam desencorajados. Platão, que também estava lá, [507b] tomou uma taça, exortou a eles que não desanimassem, pois ele próprio assumiria com competência a direção da escola, e brindou a Apolodoro. Este respondeu: ‘Me agradaria mais tomar a taça de veneno da mão de Sócrates do que brindar com esta de vinho junto a ti.’”<sup>52</sup> – porque achava Platão um invejoso cujo caráter ninguém tinha em grande estima.

Ele também escarneceu Aristipo<sup>53</sup> pela visita deste a Dionísio [sc. I de Siracusa], apesar de ele mesmo ter navegado à Sicília três vezes – uma para ver a torrente de lava,<sup>54</sup> quando correu perigo de vida com o velho Dionísio; [507c] e duas para ver o jovem Dionísio [sc. II de Siracusa].<sup>55</sup>

---

<sup>51</sup> Σάθων, termo coloquial grego para “pênis”. A tradução preferiu um leve deslocamento anatômico para manter o sentido e a veia cômica de tal apelido. Cf. Diógenes Laércio, III.35. Antístenes, um ateniense, foi um socrático considerado o fundador da escola Cínica, escritor de diálogos e outras obras, e personagem de Xenofonte (*Banquete*; cf. *Memoráveis* 3.11).

<sup>52</sup> = Hegesandro de Delfos, fr. 1, FHG iv.412-13. Apolodoro é o personagem-narrador do *Banquete* de Platão, onde é caracterizado como um grande amante de Sócrates e recebe o apelido μαλακός, “delicado” ou “frouxo” (173e8; às vezes emendado como μανικός, “maníaco”, “louco”). Ele é zombado no *Fédon* (59a) por chorar demais pela morte iminente de Sócrates.

<sup>53</sup> Aristipo I de Cirene frequentou o círculo socrático e, nas fontes antigas, com frequência é misturado com seu neto, Aristipo II, de modo a não se ter certeza qual dos dois foi fundador da escola Cirenaica, cujo hedonismo controverso e radical a destaca de outras escolas derivadas do convívio socrático. Sobre Aristipo na corte siciliana de Dionísio, o Jovem, e sua dedicação ao luxo (*tryphé*), cf. Ateneu XII.544a-e. Outro embate anedótico entre Aristipo e Platão é relatado por Ateneu em VIII.343c-e. Ele também é mencionado no *Fédon* (59d) como um dos que não estavam presentes.

<sup>54</sup> Do Monte Etna, mencionado em *Fédon*, 111d-e.

<sup>55</sup> Platão não faz menção a esse episódio, no qual, em sua primeira ida a Siracusa, foi capturado para ser vendido como escravo em Egina a mando de Dionísio o Velho, e resgatado por amigos. Felizmente, Plutarco, em *Vida de Díon*, 5.5-7, e Diógenes Laércio, III.20, nos legam alguns detalhes. As duas últimas visitas, em 366 e 361 a.C., foram ao tirano Dionísio, o Jovem. A *Carta VII*, carta “platônica” que alguns comentadores entretêm com solidez a possibilidade de ser autêntica, relata a tentativa de Platão e Díon de influenciar o tirano segundo as ideias políticas do filósofo. Díon conspirava para tomar o poder, o que conseguiu fazer em 357 a.C., mas foi assassinado três anos depois por outro Acadêmico – como relata Ponciano, em 508e-f. Segundo Diógenes Laércio (III.29), Aristipo, na obra *Sobre o luxo dos antigos*, diz

E apesar de Ésquines ser pobre e possuir apenas um discípulo, Xenócrates, Platão o roubou.<sup>56</sup> E foi flagrado movendo o processo contra Fédon pela sua escravidão.<sup>57</sup> De modo geral, ele tinha, por natureza, a disposição para ser como uma madrasta a todos os discípulos de Sócrates.

Por isso, Sócrates, diante de vários presentes como testemunha, relatou de maneira não de todo sem graça<sup>58</sup> um sonho que teve sobre Platão: “Pareceu que Platão, transformado em um corvo,<sup>59</sup> pulou sobre a minha cabeça e ficou bicando minha careca, [507d] olhando para todos os lados a crocitar. Acredito então, ó Platão, que sobre a minha cabeça proferirás muitas mentiras!”<sup>60</sup>

---

que Díon fora namorado de Platão, o que Laércio apoia citando alguns epigramas amorosos de suposta autoria do filósofo.

<sup>56</sup> Ésquines de Esfeto, retor competente e outro discípulo socrático que escreveu diálogos. Sua pobreza, atestada na época por Lísias (fr. 1 Thalheim), também é aludida por Diógenes Laércio (II.34, 62). Xenócrates de Cólofon foi o sucessor de Espeusipo como diretor da Academia (Diógenes Laércio, III.46, IV.6-15).

<sup>57</sup> Essa é a única fonte que aponta Platão como causa da escravidão de Fédon, o narrador do diálogo platônico homônimo. Segundo Diógenes Laércio (II.105), Fédon era um nobre de Élis – e, portanto, sujeito à precariedade do estrangeiro em Atenas. Foi vendido como escravo e passou a trabalhar em um prostíbulo, antes de ser resgatado, a mando de Sócrates, por algum Alcibíades ou Críton (cf. Aulo Gélio, II.18.1-4; Macróbio, *Saturnalia*, I.II.41; e Suda, φ 154) (Canfora, *ad loc.*). A representação platônica de Sócrates sugere que o filósofo tinha muito carinho por Fédon, já que tinha o hábito de acariciar seus longos cabelos (*Fédon*, 89b).

<sup>58</sup> οὐκ ἀηδῶς. Canfora (*ad loc.*) considera a expressão como uma possível citação irônica de Platão, *Protágoras*, 335c, onde, durante a crise do diálogo, Sócrates diz que pretende ir embora porque o sofista não lhe concede falar ao modo de perguntas e respostas, “embora não me fosse desagradável [οὐκ ἀηδῶς], talvez, ouvi-los de você” (tradução de Lopes, Platão, 2017a).

<sup>59</sup> O corvo é uma ave associada à retórica, por causa do seu lendário inventor, chamado Kórax – o que pode ter sido originalmente um apelido, segundo argumenta Gencarella (2007). O autor ressalta que “no discurso mediterrâneo antigo, corvos (*both ravens and crows*) são associados ao oportunismo financeiro, o que deriva em parte da sua dieta de cadáveres”, de modo que a versão grega ática de mandar alguém “às favas” é mandar alguém “aos corvos” (εἰς κόρακας) (Gencarella, 2007, p. 258-259). Ademais, pela diferença de uma consoante líquida, κόραξ soa como κόλαξ, adulator, característica, como se sabe, atribuída aos oradores e sofistas pela comédia (cf. Aristófanes, *Vespas*, v. 40-45) e por Platão. Assim, Sócrates teria chamado seu discípulo de “puxa-saco”.

<sup>60</sup> É curioso notar que essa passagem seja uma inversão temática do sonho de Sócrates relatado por Diógenes Laércio, o que sugere que esse tipo de anedota, para a qual não se têm referências, não é total invenção dos autores: “Conta-se que Sócrates viu em sonhos que tinha um jovem cisne sobre os seus joelhos, que rapidamente se cobriu de penas e, arensando, levantou voo. No dia seguinte, Platão foi-lhe trazido, e então reconheceu que ele correspondia à ave do sonho.” (Diógenes Laércio, III.5, tradução de Pereira, 2020).

Além de mau-caráter, Platão era vaidoso (*philodoxos*), tendo afirmado que “Na morte, a última coisa que despimos é a túnica da celebridade, nos testamentos, nos funerais, nos túmulos” – assim relatou Dioscórides em suas *Memoráveis*.<sup>61</sup> Quem diria que querer fundar uma cidade e nela legislar não é um sintoma de vaidade (*philodoxia*)? Isso fica evidente pelo que ele diz no *Timeu*: “sinto pela minha constituição como [507e] um pintor que deseja ver suas obras em movimento e em ação – é assim veria os cidadãos que descrevo”.<sup>62</sup>

{11.117} O que se poderia dizer das coisas roubadas nos seus diálogos? Pois alma imortal por ele ficcionalizada, que se separa do corpo na hora morte, se encontra primeiro em Homero. Este disse que a alma de Pátroclo:

“desceu ao Hades  
chorando o destino, abandonando virilidade e juventude”.<sup>63</sup>

Mesmo se alguém dissesse que essa definição é de Platão, [507f] não vejo nela qual utilidade ele teria nos concedido. Pois, se alguém concordasse que as almas dos mortos alteram sua natureza e ascendem a um local mais elevado e mais puro, já que “participam”<sup>64</sup> da leveza, que mais ganhamos com isso? Sem lembrança nem percepção de onde estivemos, ou se de todo existimos antes, qual é a graça dessa imortalidade?

E as *Leis* compostas por ele, e antes dessas [508a] a *República* que ele fabricou? Com efeito, se fossem úteis, ele deveria ter convencido alguns dos gregos a fazer uso delas, como Licurgo [sc. convenceu] os lacedemônios, Sólon, os atenienses, e Zaleuco, os túrios. “A lei é”, assim disse Aristóteles, “a razão definida em comum acordo da cidade, declarando como deve ser realizada cada coisa”.<sup>65</sup>

Que isso diz de Platão? Não é absurdo que, dos três atenienses que se tornaram e foram reconhecidos como legisladores, Drácon, o próprio Platão, e Sólon, dos [dois] [508b] os cidadãos acataram as leis, mas riram das de Platão?

<sup>61</sup> = Dioscórides, FGrH 594 F7. Essa máxima não está em nenhum dos textos de Platão.

<sup>62</sup> Paráfrase de *Timeu*, 19b-c.

<sup>63</sup> Paráfrase de Homero, *Iliada*, 16.856-7, que dá βεβήκει em vez de κατήλθεν para “desceu”. Esses versos são expulsos da educação dos jovens por Sócrates em *República* III.386d.

<sup>64</sup> O uso do verbo “participar” (μετέχειν) parece ser irônico, uma vez que faz parte do vocabulário platônico para descrever a relação entre as Formas e os entes sensíveis.

<sup>65</sup> = Pseudo-Aristóteles, *Retórica a Alexandre*, 1420a25-7.



Então, o mesmo argumento<sup>66</sup> vale para a *República*: mesmo se ela fosse de todas [sc. as constituições]<sup>67</sup> a melhor, se não nos persuade, qual é a vantagem? Parece então que Platão escreveu suas leis não para seres humanos reais, mas para aqueles que ele inventou, de modo que precisaríamos caçar quem faria uso delas. Logo, ele deveria ter escrito coisas que, dizendo-as, persuadem; e fazer não ao modo dos que rezam aos deuses, mas daqueles que se atêm às coisas possíveis.

{11.118} Para além de tudo isso, se fosse o caso de alguém [508c] analisar “os *Timeus*”, “os *Górgias*”, ou quaisquer outros diálogos semelhantes nos quais ele explora as ciências, as coisas conforme a natureza e muitos outros assuntos, nem por essas coisas ele seria merecedor de admiração. Pois se encontrariam as mesmas coisas em outros autores, ditas de maneira superior ou pelo menos não inferior.

Assim, Teopompo de Quios, em sua obra *Contra a escola de Platão*, diz: “Alguém poderia descobrir que vários dos seus diálogos são inúteis e mentirosos; e que vários são [508d] de outros autores, sendo tirados de lições de Aristipo, alguns das de Antístenes e muitos das de Bríson de Heracleia”.<sup>68</sup>

Quanto ao que promete dizer a respeito dos seres humanos, na minha investigação dos seus diálogos nada encontrei, e sim banquetes e discursos muito inapropriados sobre o amor, os quais ele compôs em menosprezo dos que viriam a lê-los; assim como muitos de seus discípulos se tornaram homens tirânicos e caluniadores.

{11.119} Eufreu, [508e] tendo passado um tempo na corte de rei Perdicas na Macedônia, não menos do que este agia como um rei, mesmo sendo um homem vulgar e caluniador. Ele organizou a confraria do rei de modo tão esnobe, tal que não era permitido participar das refeições em grupo se não se tivesse algum conhecimento de geometria ou filosofia.<sup>69</sup> Quando

---

<sup>66</sup> Ou seja, o mesmo argumento aplicado à teoria da imortalidade da alma, em 507f.

<sup>67</sup> O título “*República*” tradicionalmente traduz *Politeia*, cuja versão mais literal seria algo como “constituição” ou “forma de governo”.

<sup>68</sup> = Teopompo, FGrH 115 F 259. Aristipo foi mencionado em 507b, e Antístenes em 507a. Bríson de Heracleia Pôntica foi um sofista e geômetra associado a Euclides de Mégara. Cf. Aristóteles, *Segundos Analíticos*, 75b40; *Refutações Sofísticas*, 171b16, 172a3; *Retórica*, 1405b8-12.

<sup>69</sup> A tradição neoplatônica tardia afirma que algo semelhante estava inscrito no pórtico da Academia, “que não entre aqui nenhum ignorante de geometria”. Cf. Joannes Philoponus, *In Aristotelis libros de anima commentaria*, 15.117.27 Hayduck; Elias, *In Porphyrii Isagogen et Aristotelis Categorias Commentaria*, 118.18 Busse (ambos autores do século VI d.C.).

Felipe assumiu o comando, Parmênion prendeu Eufreu em Oreu e o executou, como relata Carístio em seus *Comentários Históricos*.<sup>70</sup>

E Calipo de Atenas, discípulo de Platão, tornado amigo e condiscípulo de Díon, [508f] viajou com ele para Siracusa. Vendo logo que Díon pretendia tomar o poder só para si, o matou e, por sua vez, tentando assumir ele mesmo a tirania, foi degolado.<sup>71</sup>

Evago de Lâmpsaco,<sup>72</sup> como dizem Eurípilo e Dicéocles de Cnido no nonagésimo primeiro livro das *Diatribes*, assim como o orador Demócates em seu *Em nome de Sófocles contra Fílon*,<sup>73</sup> emprestou dinheiro à própria pátria tomando a acrópole como garantia; atrasado o pagamento, quis tornar-se tirano, até que os cidadãos de Lâmpsaco se uniram contra ele e, devolvendo o dinheiro, [509a] o expulsaram da cidade.

E Timeu de Cízico,<sup>74</sup> diz o mesmo Demócates, deu dinheiro e alimento para os cidadãos e por isso foi considerado um homem bom junto a eles; pouco tempo depois, tentou atacar a constituição, com a ajuda de Arideu. Julgado, condenado e humilhado, permaneceu na pólis até virar um velho caquético, tendo passado a vida desonrado e desprezado.

Até hoje são assim alguns dos membros da Academia, que vivem de modo profano e desgraçado; [509b] tendo se apossado de dinheiro por meios ímpios e antinaturais através da feitiçaria, agora são admirados por todos.

Como também Quéron de Pelene, que estudou não só com Platão, mas também com Xenócrates. Sendo um amargo tirano em sua pátria, não só exilou os melhores dos cidadãos, mas também lhe aprouve transferir os bens desses mestres aos seus escravos, e fez suas

---

<sup>70</sup> = Carístio de Pérgamon, fr. 2, FHG iv.357. O orador antimacedônio Demóstenes, na *Terceira Filípica* (9.59-62), conta outra versão, em que Eufreu heroicamente se suicida na prisão, tendo se oposto à tomada de poder de Oreu pelas forças de Felipe II. O tema Eufreu na corte da Macedônia já foi abordado por Ponciano em 506f-7.

<sup>71</sup> Calipo assumiu o poder em 353 a.C. e foi tirano de Siracusa por apenas treze meses – são diferentes os relatos acerca do fim do seu reino e sua vida. Sobre a conspiração pelo assassinato de Díon, cf. Platão, *Carta VII*, 333e-334a (Calipo não é nomeado) e Plutarco, *Vida de Díon*, 54-58.

<sup>72</sup> Um “Eveu” de Lâmpsaco, e não “Evago”, é listado como discípulo de Platão por Diógenes Laércio, III.46.

<sup>73</sup> = Demócates, fr. I.1, p. 341 Baiter-Sauppe. Demócates é uma fonte do século IV a.C., sobrinho de Demóstenes e orador de destaque. Sófocles foi um político que tentou passar uma lei para expulsar os filósofos da Ática, mas que foi rebatido por Fílon, um discípulo de Aristóteles, apesar do esforço de Demócates (cf. Diógenes Laércio, V.38, Ateneu, XIII.610e-f). Sobre Eurípilo e Dicéocles e sua obra não se sabe mais nada além desta referência de Ateneu.

<sup>74</sup> = Demócates, fr. I.1, op. cit. Um “Timolau” de Cízico, e não “Timeu”, é listado como discípulo de Platão por Diógenes Laércio, III.46.

mulheres morarem com eles como se em convivência marital.<sup>75</sup> Foram esses os benefícios da bela *República* e das ilegais *Leis*!

{11.120} É por isso que o comediógrafo Efipo, em seu *Náufrago*,<sup>76</sup> [509c] ridicularizou o próprio Platão e alguns de seus pupilos como sicofantas atrás de dinheiro, mostrando que se vestiam com roupas caríssimas, e que se preocupavam mais com a própria bela aparência do que os degenerados dos nossos dias. Ele diz assim:

Então se levantou um jovem perspicaz  
 algum discípulo da Academia de Platão e,  
 como um Bríson-Trasímaco-ladino-de-dindim,  
 forçado pela necessidade da arte †de discursar-por-mixariast†,  
 [509d] incapaz de dizeres imponderados.  
 Bem portando um gracioso corte de cabelo,  
 e, até os pés, espessa barba por fazer,  
 e esses pés bem metidos em sandalinhas,  
 e com cnêmides isométricas em torno das canelas,  
 e o peito bem protegido por uma pesada capa,  
 apoiou este corpinho solene no cajado,  
 e de outro, não um próprio, (na minha opinião),  
 proferiu o discurso: Homens da terra dos atenienses! –

[509e] Que pare por aqui a nossa compilação, querido Timócrates. Em seguida, falarei sobre aqueles que se tornaram famosos por seu apego ao luxo.<sup>77</sup>

[fim do livro XI].

## Referências

ARISTÓFANES. **As Vespas**. Tradução de Carlos A. Martins de Jesus. Coimbra: FESTEIA – Tema Clássico, 2009.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Antonio Mattoso e Antônio Queirós Campos. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

<sup>75</sup> Quéron se tornou tirano de Pelene com apoio macedônio em 331 a.C. (ed. Canfora, *ad loc.*). Sobre Xenócrates, cf. n. 56, *supra*.

<sup>76</sup> Fr. 14 PCG. O vestuário elaborado do Acadêmico parece ser uma tópica cômica. Cf. Antífanes, fr. 35 PCG, citado por Ateneu (XII.544f) como exemplo cômico da vida luxuosa dos filósofos no livro seguinte (XII.544a-548c). Sobre Platão e os Acadêmicos na comédia do século IV a.C., cf. Farmer (2017).

<sup>77</sup> O discurso de Ponciano acaba com a citação cômica. A frase final retorna o leitor à moldura externa do texto, sendo dita por Ateneu, narrador, ao seu interlocutor Timócrates. O livro XII permanece inteiro nesta camada mais externa da narrativa.

ATENEU. **Banquet des savans**. Tome 4. Tradução francesa de M. Lefebvre de Villebrune. Paris: Lamy, 1789-1791. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb12318305n>. Acesso em: 3 abr. 2024.

ATENEU. **I Deipnosophisti**. I Dotto a Banchetto. Volume II: Libri VI-XI. Prima traduzione italiana commentata su progetto di Luciano Canfora. Roma: Salerno Editrice, 2001.

ATENEU. **The Deipnosophists**. Books XI-XII. Tradução inglesa de Charles Burton Gulick. Cambridge; London: Harvard University Press, 2004.

ATENEU. **The Learned Banqueters**. Books I-III.106e. Tradução inglesa de S. Douglas Olson. Cambridge; London: Harvard University Press, 2006.

ATENEU. **The Learned Banqueters**. Books 10.420e-11. Tradução inglesa de S. Douglas Olson. Cambridge; London: Harvard University Press, 2009.

ATENEU. **Banquete de los eruditos**. Libros XI-XIII. Tradução espanhola de Lucía Rodríguez-Noriega Guillén. Madrid: Gredos, 2014. (e-book).

AUGUSTO, M. G. M. O argumento cômico no diálogo entre Sócrates e Trasímaco no Livro I da *República*. **O Que Nos Faz Pensar**, v. 23, n. 34, p. 147-181, 2014.

BERNARDINI, P. A.; VENERI, A. Il Gorgia di Platone nel giudizio di Gorgia e l'aureo Gorgia nel giudizio di Platone. **Quaderni Urbinati di Cultura Classica**, v. 7, p. 149-160, 1981. <https://doi.org/10.2307/20538669>

BOWERSOCK, G. W. Philosophy in the Second Sophistic. In: CLARK, G.; RAJAK, T. **Philosophy and Power in the Graeco-Roman World: Essays in Honour of Miriam Griffin**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 157-170. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198299905.003.0009>

BRANDÃO, J. L. A sombra do asno: a filosofia e os filósofos em Luciano de Samósata. **Kléos**, n. 1, p. 231-252, 1997.

BUARQUE, L. **As armas cômicas: os interlocutores de Platão no Crátilo**. Rio de Janeiro: Hexis Editora, 2011.

CAPRA, A. **Agōn Logōn**: il “Protagora” di Platone tra eristica e commedia. Milão: LED, 2001.

DÜRING, I. **Herodicus the Crateteian: A Study in Anti-Platonic Tradition**. Abingdon: Routledge, 2018. <https://doi.org/10.4324/9780429031830>

ELIAS. BUSSE, A. (Ed.). **Eliae in Porphyrii isagogen et Aristotelis categorias commentaria**. Berlin: Reimer, 1900. <https://doi.org/10.1515/9783111719641>

FARMER, M. Playing the Philosopher: Plato in Fourth-Century Comedy. **The American Journal of Philology**, v. 138, n. 1, p. 1-41, 2017. <https://doi.org/10.1353/ajp.2017.0000>

GALL, F. O filósofo ridículo: Sócrates como dramatização da tese platônica sobre o cômico. **Archai**, no prelo.

GENCARELLA, S. O. The Myth of Rhetoric: Korax and the Art of Pollution. **Rhetoric Society Quarterly**, v. 37, n. 3, p. 251-273, 2007. <https://doi.org/10.1080/02773940601044272>

HOMERO. **Íliada**. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JOANNES PHILOPONUS. HAYDUCK, M. (Ed.) **In Aristotelis libros de anima commentaria**. Berlin: Reimer, 1897.

KAVANOU, N. **Aristophanes' Comedy of Names**. A Study of Speaking Names in Aristophanes. Berlin: De Gruyter, 2011. <https://doi.org/10.1515/9783110247077>

MICHELINI, A. Socrates Plays the Buffoon: Cautionary Protreptic in *Euthydemus*. **American Journal of Philology**, v. 121, n. 4, p. 509-535, 2000. <https://doi.org/10.1353/ajp.2000.0055>

MORGAN, K. A. Socrates and Gorgias at Delphi and Olympia: *Phaedrus* 235d6-236b4. **The Classical Quarterly**, v. 44, n. 2, p. 375-386, 1994. <https://doi.org/10.1017/S0009838800043834>

NAILS, D. **The People of Plato: A Prosopography of Plato and other Socratics**. Indianapolis: Hackett, 2002.

NATOLI, A. F. **The Letter of Speusippus to Philip II**. Introduction, Text, Translation and Commentary. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004.

NOVAES, J. G. C. Z. Um “empanturramento” de discursos: o episódio dos soluços do Banquete entre Aristófanes e Platão. **O Que Nos Faz Pensar**, v. 30, n. 51, p. 197-222, 2022. <https://doi.org/10.32334/oqnp.2022n51a909>

PEREIRA, R. M. T. Diógenes Laércio, *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, Livro III: Platão – Notas Introdutórias. **Anais de Filosofia Clássica**, n. 27, p. 372-414, 2020. <https://doi.org/10.47661/afcl.v14i27.40618>

PLATÃO. **Banquete**. Tradução de Irley Franco e Jaa Torrano. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora PUC-Rio; Edições Loyola, 2021.

PLATÃO. **Carta VII**. Tradução de José Trindade Santos e Juvino Maia Jr. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2013.

PLATÃO. **Fédon**. Tradução de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Coimbra: Livraria Minerva, 1988.

PLATÃO. **Leis; Epínomis**. (Diálogos, vol. XII-XIII). Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.

PLATÃO. **Parmênides**. Tradução de Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Edições Loyola; Editora PUC-Rio, 2013.

PLATÃO. BURNET, J. (Ed.) **Platonis Opera**. Oxford: Oxford University Press, 1900-1907.

PLATÃO. **Primeiro Alcibíades; Segundo Alcibíades**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2015.

PLATÃO. **Protágoras**. Tradução de Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2017a.

PLATÃO. **República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 15. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2017b.

PLUTARCO. **Plutarch's Lives, v. 6. Dion and Brutus. Timoleon and Aemilius Paulus**. Tradução de Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1918.  
[https://doi.org/10.4159/DLCL.plutarch-lives\\_comparison\\_timoleon\\_aemilius\\_paulus.1918](https://doi.org/10.4159/DLCL.plutarch-lives_comparison_timoleon_aemilius_paulus.1918)

TARÁN, L. **Speusippus of Athens**. A Critical Study with a Collection of the Related Texts and Commentary. Leiden: Brill, 1981. <https://doi.org/10.1163/9789004320604>

RIBEIRO, J. A. **Sócrates épico, trágico e cômico**: um estudo sobre os gêneros literários no Eutidemo, Banquete e Apologia. 2017. 229f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

ROMERI, L. **Philosophes entre mots et mets**. Plutarque, Lucien et Athénée autour de la table de Platon. Grenoble: Jérôme Millon, 2002.

ROMERI, L. À propos du *Banquet* de Platon: la polémique anti-platonicienne chez Athénée. **Pallas**, v. 61, p. 327-339, 2003.

ROMERI, L. Les citations de Platon chez Athénée. In: LENFANT, D. **Athénée et les fragments d'historiens**. Actes du colloque de Strasbourg (16-18 juin 2005). Paris: De Boccard, 2007. p. 341-354. <https://doi.org/10.2307/j.ctv327fw4c.22>

TRAPP, M. Plato in the *Deipnosophistae*. In: BRAUND, D.; WILKINS, J. (ed.). **Athenaeus and His World**. Reading Greek Culture in the Roman Empire. Exeter: University of Exeter Press, 2000. p. 353-363.

TRAPP, M. With all due respect to Plato: The *Platonic Orations* of Aelius Aristides. **TAPA**, v. 150, n. 1, p. 85-113, 2020. <https://doi.org/10.1353/apa.2020.0007>

XENOFONTE. **Banquete; Apologia de Sócrates**. Tradução de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008. <https://doi.org/10.14195/978-989-721-059-4>

Recebido em: 17.04.2024

Aprovado em: 20.08.2024